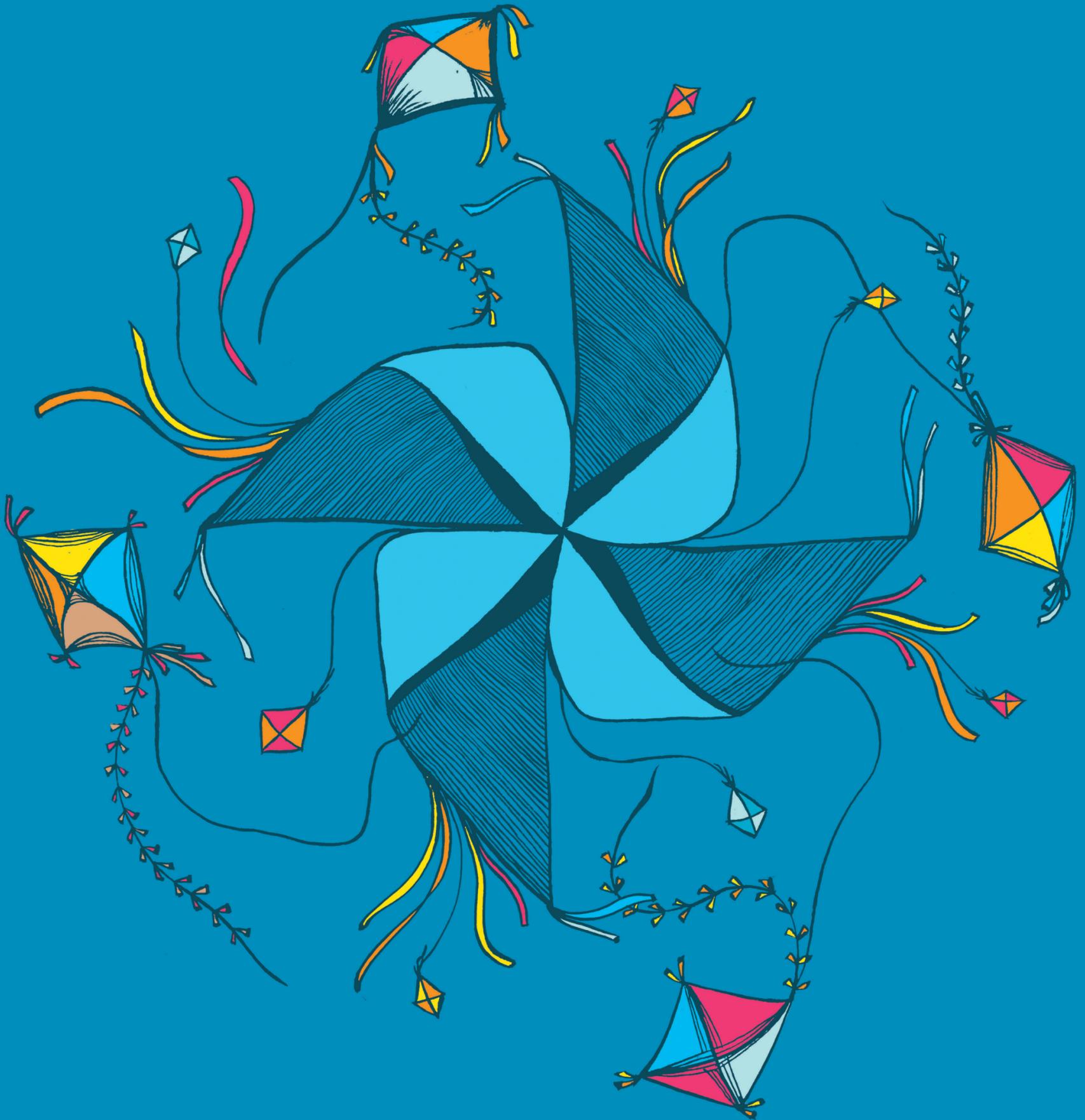


#lutafeminista



A violência contra **nós, mulheres,** é uma expressão da dominação patriarcal e um dos seus mecanismos de sustentação. Nessa sociedade, nenhuma mulher está livre de sofrer violência por parte dos homens, desde a infância e por toda a vida. Queremos democracia como poder sobre a nossa própria vida. A violência nega este direito às mulheres.

A luta feminista pelo fim da violência é uma luta libertária.

Fim da violência contra as mulheres.
Em casa e nas ruas.

#lutafeminista

APOIO:



Brot für die Welt

Esta publicação foi produzida com o apoio da União Europeia. O conteúdo desta publicação é da exclusiva responsabilidade do SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia - e não pode, em caso algum, ser tomado como expressão das posições da União Europeia.

REALIZAÇÃO:



SOS CORPO
Instituto Feminista para a Democracia

Rua Real da Torre, 593, Madalena, Recife - PE CEP50610-000
www.soscorpo.org.br • sos@soscorpo.org.br
facebook.com/lutafeminista • @lutafeminista



Nosso horizonte é uma vida autônoma e livre para todas as mulheres.

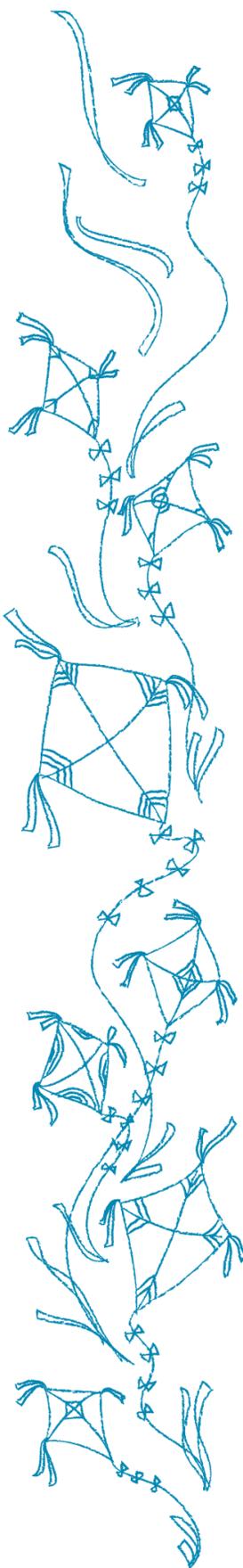
Na história, em nossas casas, nos espaços públicos.

“A violência como instrumento de dominação e exploração é parte da formação social brasileira e latino-americana, historicamente estruturada pelo uso da força e do massacre para a exploração e a dominação econômica, cultural e política”. (Articulação de Mulheres Brasileiras – AMB, 2012).

Ao longo da história e no cotidiano, a violência contra nós, mulheres, é um meio para nos dominar e submeter. A violência impõe o silêncio, cala nosso descontentamento e enfraquece nossos esforços individuais e coletivos de transformação.

A violência dos homens contra nós, mulheres, é uma expressão das desigualdades de poder nas relações sociais entre os sexos. Isto significa que pelo fato de sermos mulheres, numa sociedade patriarcal, na qual os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres, estamos sujeitas a sofrer violência desde a infância. A violência contra as mulheres é uma expressão da dominação patriarcal e um dos seus mecanismos de sustentação. Nessa sociedade, nenhuma mulher está livre de sofrer violência por parte dos homens, desde a infância e por toda a vida.

Em nossas casas, muitas de nós sofremos violência doméstica e sexual. Pela vida afora, enfrentamos formas de violência como a humilhação e os maus-tratos nas relações afetivas e conjugais. A violência contra nós, mulheres, acontece nas ruas, nos meios de transporte e, até mesmo, quando procuramos os serviços públicos. Nas relações de trabalho, o maior poder dos homens às vezes se manifesta na prática de assédio sexual e moral contra nós, mulheres.



Pobreza, racismo, lesbofobia.

Embora seja um problema a que todas nós, mulheres, estamos vulneráveis, pelo fato de sermos mulheres, a violência não nos atinge da mesma maneira. Mulheres de todas as classes sociais sofrem ou podem vir a sofrer a violência patriarcal. Mas as condições para enfrentar essa situação são diferentes. Em condição de pobreza ou dependência financeira ou falta de acesso a direitos sociais, torna-se mais difícil para as mulheres saírem de situações de violência.

O racismo agrava e produz formas de violência contra as mulheres negras. As marcas da violência contra mulheres negras e índias estão presentes desde o processo de colonização – na violação sexual praticada por senhores brancos – e se manifestam até hoje, por exemplo, em formas específicas de violência, como o tráfico para fins de exploração sexual, e na forma como as mulheres negras têm sido representadas na mídia.

O capitalismo também agrava a violência dos homens contra as mulheres, quando transforma situações de violência em fonte de lucro. É assim no caso do tráfico de mulheres e meninas para exploração sexual.

Sendo lésbicas, sofremos também a violência da lesbofobia (aversão às relações afetivo-sexuais entre mulheres). O sistema heteropatriarcal “pune” as mulheres lésbicas porque transgridem a imposição da heterossexualidade nas famílias, nos espaços públicos ou nas instituições.

Contextos que agravam a violência.

Todas nós, mulheres, estamos vulneráveis à violência na sociedade patriarcal, mas essa vulnerabilidade se aprofunda de acordo com o contexto em que vivemos e com o peso de outras desigualdades que agravam ou geram novas formas de violência específicas contra as mulheres negras, lésbicas, rurais, indígenas.

No Brasil, em diferentes contextos, a violência contra as mulheres está presente e, em alguns, torna-se mais crítica. Nas áreas de garimpo, fronteiras agrícolas ou de conflito provocado pela existência de latifúndios ou de grandes projetos de desenvolvimento, agrava-se a violência sexual e a violência doméstica muitas vezes fica mais invisibilizada. Em contextos urbanos, novas formas de violência contra as mulheres surgem, a cada dia. Nas áreas dominadas por grupos armados (narcotráfico, milícias e mesmo pelas polícias), as mulheres têm mais dificuldade para denunciar a violência doméstica. São recorrentes as denúncias de violência sexual praticada por integrantes destes grupos.

Nas áreas de conflito armado espalhadas pelo mundo, e nas comunidades militarizadas no Brasil, a violação do corpo das mulheres é praticada como demonstração de “domínio do território”.

As mulheres do campo e das florestas enfrentam muitas dificuldades para denunciar a violência e encontrar apoio, proteção e condições para superar essa situação, seja pelas redes de solidariedade comunitárias – uma vez que o problema ainda é muito naturalizado –, seja no acesso a serviços públicos, insuficientes ou inexistentes.

Queremos democracia, autonomia e liberdade para as mulheres.

Queremos democracia como poder sobre a nossa própria vida. Democracia é também viver com autonomia e liberdade. A violência nega este direito às mulheres. A ação do Estado é imprescindível, por meio de políticas públicas que garantam assistência e segurança às mulheres em situação de violência. Políticas que promovam o fim da impunidade e que criem as condições para uma vida autônoma para as mulheres, viabilizando renda, moradia, saúde e proteção social. O Estado deve garantir às mulheres o acesso aos direitos já conquistados por meio da implementação de políticas públicas universais. Além disso, deve reconhecer e garantir os direitos pelos quais ainda lutamos.

Para que a violência contra as mulheres tenha fim, é necessário enfrentar os valores e ideias que ainda naturalizam este tipo de violência e que tentam justificá-la. Contribui para a naturalização da violência o “mito do amor romântico”, que valoriza a ideia de posse (somos um do/a outro/a), o ciúme e várias formas de controle sobre nós, mulheres. Assim, a intimidação psicológica e a agressão física são vistas como demonstração de “afeto” e naturalizados quando, na verdade, são sinais de dominação e opressão.

É necessário questionar e transformar as estruturas que reproduzem a desigualdade entre homens e mulheres, a desigualdade econômica e o racismo nas relações sociais. Questionamos o modelo de desenvolvimento que produz vulnerabilidade e violência contra as mulheres.